



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e acesse a versão digital do Jornal



## VDN E CASA 40 CELEBRAM DIAS DAS MÃES ESPECIAL

Para celebrar este Dia das Mães, o Vanguarda do Norte, em parceria com a Casa 40, realiza uma edição especial do jornal com entrevistas exclusivas com oito mulheres incríveis.

Cada página é dedicada a uma das mães entrevistadas, que falam um pouco de suas trajetórias e abrangem temas como empreendedorismo, saúde, bem-estar, compartilhando suas opiniões e histórias sobre maternidade.

**LETÍCIA TOPDJIAN**

*Entre o legado, o luto e a maternidade, a força de uma nova liderança*

PÁGINA 2

**DRA. BÁRBARA MELÃO**

*Humanização e a Ciência: como a maternidade eleva o padrão da liderança médica*

PÁGINA 3

**MARIA DA GRAÇA CARVALHO**

*A maternidade como eixo invisível de decisões firmes*

PÁGINA 4

**JAQUELINE CHAGAS**

*Entre cicatrizes e ouro, a maternidade e a arte de forjar o futuro sob pressão*

PÁGINA 5

**LUZIA PIASSA NEVES**

*A maternidade sem idealização: amor, responsabilidade e liberdade de escolha*

PÁGINA 8

**MÁRCIA MAUÉS PEIXOTO**

*Educação sem atalhos e a missão de transformar o cuidado em formação de caráter*

PÁGINA 9

**SIHAME CRUZ**

*A maternidade na ressignificação no sentido e no novo olhar sobre o morar e criar*

PÁGINA 10

**DRA. VALESKA FRANCESCONI**

*Como a maternidade amplia os caminhos da liderança e ajuda a sustentar legados*

PÁGINA 11

# Entre o legado, o luto e a maternidade, a força de uma nova liderança

Empresária transformadora em direção, consolida marcas de referência em Manaus e encontra nos filhos a medida real do sucesso

Existe um momento na vida de muitas mulheres em que tudo muda ao mesmo tempo. Não por escolha calculada, nem por planejamento estratégico, mas porque a vida decide acelerar os acontecimentos e exigir maturidade em ritmo máximo. Para algumas, esse instante chega com a maternidade. Para outras, com o luto. Para poucos, ambos chegam juntos.

Na trajetória de Leticia Topdjian, empresária à frente da tradicional Casa 40, referência em moda de alto padrão em Manaus, e também da UmMaisUm, voltada ao público teen, essas duas forças se encontraram no mesmo ponto da história. Tornar-se mãe jovem e, pouco tempo depois, assumir o legado da mãe em um momento sensível redefiniu não apenas sua vida pessoal, mas a forma como ela passou a liderar, decidir e enxergar o futuro.

Num tempo em que se discute cada vez mais a presença feminina em posições de poder, histórias como a de Leticia ajudam a compreender uma transformação silenciosa que ocorre dentro de empresas familiares, marcas consolidadas e ambientes tradicionalmente exigentes: muitas mulheres não chegam ao poder abandonando a maternidade, chegam justamente fortalecidas por ela.

“

**“A maternidade foi a maior virada de chave da minha vida, isso sem dúvida nenhuma. Depois que meu filho mais velho nasceu, tudo passou a ter outro peso: minhas decisões, minha forma de trabalhar, até a maneira como eu enxergo o futuro”, afirma.**

”

Em uma frase simples, Leticia resume um movimento que especialistas em comportamento observam com frequência crescente: ser mãe reorganiza prioridades, muda o valor atribuído ao tempo e desloca a ambição para algo mais profundo do que performance. O sucesso deixa de ser apenas expansão. Passa a ser significado.

**Quando a herança vira missão**

A Casa 40 não é apenas uma loja. Para quem acompanha a cena social e empresarial de Manaus, ela representa tradição, elegância e continuidade. Como tantos negócios familiares bem-sucedidos, carrega memória afetiva, identidade construída ao longo dos anos e a assinatura de uma geração anterior.

Assumir esse patrimônio simbólico após a perda da mãe não era apenas um desafio empresarial. Era uma travessia emocional.

**“Eu precisei assumir a empresa em um momento muito sensível, dando con-**



Fotos: Divulgação

**tinuidade a uma equipe que já trabalhava com a minha mãe há mais de 15 anos. E, como eu sempre digo: lá na loja, nós somos uma família. Apesar do momento difícil, toda a equipe da Casa 40 se uniu e nos tornamos mais fortes.”**

O relato revela algo fundamental sobre lideranças femininas contemporâneas: a força não está necessariamente em endurecer, mas em humanizar. Em um ambiente onde muitas vezes se espera controle absoluto, respostas rápidas e postura inabalável, Leticia encontrou o caminho da coesão emocional.

Ao invés de administrar a dor escondendo-a, transformou a vulnerabilidade em pertencimento. E esse tipo de postura, cada vez mais valorizado nos ambientes de alta performance, costuma gerar algo raro: lealdade verdadeira.

**Ser mãe muda a lógica do tempo**

Há uma ideia antiga de produtividade que associa sucesso ao excesso: mais horas, mais reuniões, mais tarefas, mais urgência. A maternidade, porém, costuma desmontar essa matemática.

Com filhos pequenos, o tempo deixa de ser infinito e a energia passa a exigir inteligência. “Mudou muito. Hoje eu escolho melhor onde coloco minha energia. Não é sobre fazer tudo, é ter uma rotina estabelecida e fazer bem feito”, explica a empresária.

A fala parece simples, mas carrega uma das grandes revoluções silenciosas da liderança moderna. As mulheres que conciliam maternidade e gestão frequentemente desenvolvem competências que o mercado passou décadas tentando ensinar em cursos executivos: priorização, foco, adaptabilidade, eficiência emocional e capacidade de decisão sob pressão.

No caso de Leticia, essa reorganização se reflete em múltiplos papéis: empresária, mãe, influenciadora, gestora de equipe e herdeira de um legado que precisou ser mantido vivo enquanto uma nova identidade era construída.

Manaus, como outras capitais brasileiras, observa nos últimos anos o crescimento de mulheres que ocupam o centro de marcas próprias e negócios familiares sem abrir mão da vida afetiva. O resultado é um novo modelo

de liderança, cada vez mais real e menos performático.

**Os filhos dentro da história**

Enquanto antigas gerações separavam rigidamente “trabalho” e “família”, mulheres como Leticia passaram a construir pontes entre esses mundos.

Ela leva os filhos para o trabalho. Permite que cresçam observando bastidores, rotina, responsabilidade e disciplina. Para alguns, isso pode parecer informalidade. Para outros, é educação viva.

**“O mesmo que minha mãe construiu comigo. Eles crescem vindo de perto o que é trabalho, responsabilidade e dedicação, de forma natural.”**

Há algo poderoso nessa continuidade entre gerações. O legado deixa de ser apenas patrimônio financeiro ou nome empresarial. Passa a ser repertório. Crianças que convivem com mães que trabalham, lideram e resolvem problemas tendem a internalizar autonomia como algo natural.

No caso de meninas, isso amplia horizontes. No caso de meninos, redefine a percepção sobre os papéis femininos na sociedade. Em ambos os casos, ajuda a moldar o futuro.

**O luxo e a vida real**

A Casa 40 habita um universo aspiracional: moda sofisticada, consumo refinado, estética cuidadosamente construída. Não há, no entanto, conflito entre o brilho pú-

blico e a maternidade concreta, feita de agenda, cansaço, imprevistos e afeto cotidiano.

**“Eu misturo tudo mesmo. Meus filhos fazem parte da minha vida real, e meu trabalho também. Não tento separar. Acho que a mulher tem o dom de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e vamos equilibrando os pratos da vida.”**

A frase toca num ponto central do debate contemporâneo: mulheres são frequentemente cobradas a escolher entre carreira e maternidade. Entre elegância e exaustão. Entre ambição e acolhimento.

Leticia recusa essa lógica binária. Sua resposta sugere algo mais sofisticado: a vida não é compartimentada. Ela é simultânea.

E talvez seja justamente essa simultaneidade que tenha se tornado uma das principais marcas femininas do século XXI.

**Existe uma Leticia antes e outra depois**

Toda grande transformação pessoal costuma dividir a vida em dois tempos: antes e depois. Para Leticia, o luto foi essa fronteira.

**“O luto mudou tudo em mim. Existe uma Leticia antes e outra depois. Eu amadureci, fiquei mais forte e mais consciente do meu papel, como mãe e como empresária... de uma forma geral em relação à vida.”**

Não se trata apenas de dor.

Trata-se de recalibragem do propósito existencial. Muitas mulheres que atravessam perdas profundas relatam algo semelhante: uma nova nitidez sobre o que importa, menos tolerância ao supérfluo e uma relação mais direta com o tempo.

Quando isso acontece ao mesmo tempo em que se criam filhos e se sustentam responsabilidades profissionais, nasce um tipo raro de liderança: a que não depende mais de validação externa. Essa força costuma ser silenciosa. E duradoura.

**Mulheres que sustentam narrativas**

No imaginário tradicional, homens herdavam empresas e mulheres herdavam memórias. Essa divisão está mudando rapidamente.

Hoje, cada vez mais mulheres não apenas recebem legados; elas os expandem. Administram marcas, modernizam processos, comandam equipes, criam novos braços de negócio e ainda sustentam o tecido afetivo da família.

Leticia representa esse novo capítulo. Ao mesmo tempo em que honra a história da mãe, imprime visão própria. Ao mesmo tempo em que cuida dos filhos, consolida marcas. Ao mesmo tempo em que vive perdas, segue construindo futuro.

Quando questionada sobre o exemplo que deixa para outras mulheres, responde com objetividade: “Determinação e trabalho duro. Que, apesar das adversidades, dou

o meu melhor e não desisto.”

Em tempos de discursos prontos sobre empoderamento, a resposta tem valor justamente por ser concreta. Não fala em slogans. Fala em persistência.

**Manaus e o novo rosto da liderança feminina**

A capital amazonense vive uma transição importante. Em diferentes setores, como moda, arquitetura, medicina, educação, comunicação e empreendedorismo, as mulheres têm assumido posições centrais de influência econômica e cultural.

Mas há um detalhe decisivo: muitas dessas lideranças não surgem apesar da maternidade. Surgem atravessadas por ela.

Isso muda a linguagem do poder. Traz mais escuta, mais noção de legado, mais responsabilidade intergeracional. Traz também pragmatismo. Quem cria filhos costuma aprender rapidamente o valor do essencial.

Leticia pertence a essa geração que profissionaliza sem perder o calor humano. Que comunica estilo sem perder a verdade. Que transforma marcas em extensões da própria história.

**No fim, dar conta não basta**

Talvez a frase mais reveladora de sua entrevista esteja no bônus que resume sua visão atual de mundo:

**“Eu entendi que não era sobre dar conta, era sobre dar sentido, sobre o exemplo que eu estou construindo todos os dias.”**

Em uma sociedade que por muito tempo cobrou das mulheres apenas resistência, essa mudança de eixo é revolucionária. Não basta suportar. É preciso significar.

Leticia parece ter entendido isso cedo. Entre maternidade, luto e liderança, construiu uma nova versão de si mesma. Mais estratégica, mais firme, mais consciente.

E se antes o sucesso podia ser medido por vitrines, agendas e números, hoje talvez ele esteja em outro lugar: nos filhos que observam, na equipe que permanece, no legado que continua; e na mulher que se tornou capaz de sustentar tudo isso sem perder a própria essência.

Porque algumas empresas vendem moda. Outras vendem imagem. Mas poucas conseguem vestir uma história.



# Humanização e a Ciência: como a maternidade eleva o padrão da liderança médica

Fotos: Divulgação

Médica amazonense com formação internacional, liderança nacional e atuação de ponta na uro-oncologia revela como a filha transformou sua forma de cuidar, decidir e liderar

**D**urante décadas, o imaginário coletivo acostumou-se a separar duas figuras femininas como se fossem quase incompatíveis: a mãe presente e a profissional de alta performance. De um lado, o cuidado. Do outro, a ambição. De um lado, a entrega doméstica. Do outro, o comando técnico.

Como se a excelência exigisse renúncia afetiva. Como se liderança e maternidade habitassem extremos opostos. Histórias como a da médica Bárbara Melão desmontam essa falsa divisão.

Doutora em Uro-Oncologia pela USP, fellowship no renomado Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova Iorque, palestrante internacional sobre tumores urológicos, coordenadora da Oncologia do Hospital Adventista de Manaus e recém-convidada para assumir a disciplina de Câncer de Próstata da Sociedade Brasileira de Urologia, Bárbara reúne credenciais raras mesmo em centros nacionais altamente competitivos.

Mas, ao falar sobre o que mais transformou sua identidade, ela não cita um título acadêmico, uma conquista institucional ou um reconhecimento internacional. Cita a maternidade.

Mãe de Izabela, que se aproxima dos 10 anos, Bárbara descreve a maternidade não como um capítulo paralelo à carreira, mas como uma experiência que redimensionou todas as esferas da vida, inclusive a medicina.

“

**“Quando a gente se torna mãe, há um redimensionamento das esferas da vida, inclusive da profissão. A vida é sempre um equilíbrio, então é possível, sim, ser uma boa mãe, ser uma mãe presente, mas ser também uma profissional de excelência.”**

”

A frase carrega mais do que convicção pessoal. Ela traduz um movimento social crescente: mulheres que recusam a lógica da escolha compulsória entre família e realização profissional. Mulheres que não querem ser definidas por uma ausência, mas sim por uma soma.

**Excelência construída em território improvável**

Ser uma médica amazonense em posição de destaque nacional já representa, por si só, um feito importante. Em um país de assimetrias regionais profundas, trajetórias acadêmicas e institucionais costumam se concentrar nos grandes centros do Sudeste.

Bárbara não apenas rompeu esse eixo como o ressignificou. Sua formação internacional e o trânsito entre instituições de ponta mostram que talento e disciplina não têm CEP fixo.

Manaus também produz excelência. A Amazônia também forma lideranças técnicas



capazes de ocupar espaços estratégicos no debate médico nacional.

Ainda assim, seu discurso não é centrado em excepcionalismo individual. Ao contrário: ela insiste na ideia de apoio e parceria como parte fundamental de qualquer conquista duradoura.

**“No meu caso, eu tenho um grande apoio do meu marido, que também é urologista. Eu não teria chegado onde cheguei profissionalmente sem o apoio dele, que me ajudou tanto profissionalmente quanto com a minha filha.”**

Em tempos de romantização da mulher que “dá conta de tudo sozinha”, a fala traz maturidade rara. Não existe liderança sólida sem rede de apoio. Não existe alta performance sustentável sem divisão real de responsabilidades.

A sociedade brasileira começa a compreender, ainda lentamente, que o empoderamento feminino não se mede apenas pelo sucesso da mulher, mas também pela disposição masculina de compartilhar carga mental, tempo e cuidado.

**A medicina técnica é a necessidade de humanidade**

A uro-oncologia é uma das áreas mais delicadas da medicina contemporânea. Lida com diagnósticos difíceis, tratamentos prolongados, decisões complexas e pacientes que enfrentam medo, vulnerabilidade e incerteza.

Em ambientes assim, conhecimento técnico é indispensável. Mas não suficiente. Bárbara reconhece que a maternidade alterou profundamente sua forma de se relacionar com o sofrimento alheio.

**“A sensibilidade que a maternidade nos traz, a diferença da percepção de cuidado e amor, com certeza faz com que enxerguemos melhor, lidemos melhor e possamos estar mais presentes no cuidado desses pacientes.”**

Há um aspecto pouco debatido sobre mulheres em posições técnicas de comando: muitas vezes supõe-se que para ocupar esses espaços elas precisariam tornar-se frias. Emular padrões tradicionalmente masculinos de liderança.

O que Bárbara demonstra é o oposto. O olhar feminino, especialmente atravessado pela maternidade, pode agregar nuances valiosas à medicina de alta complexidade: escu-

ta, presença emocional, leitura subjetiva do paciente, percepção ampliada de vulnerabilidade. Isso não diminui o rigor científico. Amplia a qualidade do cuidado.

**Ser pioneira é também abrir portas**

No currículo de Bárbara há uma marca relevante: ela foi a primeira mulher do Departamento de Uro-Oncologia da Sociedade Brasileira de Urologia e a primeira a coordenar o Departamento de Câncer de Próstata da entidade.

Em um campo historicamente masculino, esse pioneirismo tem peso simbólico considerável. Mas ela prefere tratar o assunto com propósito coletivo.

**“Esse pioneirismo, para mim, tem o propósito de abrir espaço para mais mulheres ocuparem essas posições de destaque. O olhar feminino sempre soma. Temos que ter mais mulheres nos departamentos, nas posições de liderança, não porque são mulheres, mas porque são competentes.”**

A frase toca em uma discussão madura sobre representatividade. Não se trata de ocupar cadeiras por cota simbólica, mas sim de reconhecer talentos historicamente subaproveitados.

No Brasil, mulheres já são maioria em vários cursos superiores e presença crescente em especialidades médicas. Ainda assim, cargos de direção, chefias técnicas e posições estratégicas seguem desproporcionalmente masculinos.

Quando uma mulher amazonense, mãe, altamente qualificada, assume uma disciplina nacional de grande relevância, o gesto ultrapassa o currículo pessoal. Ele reorganiza imaginários e pavimentação o caminho para novas narrativas.

**A gestão invisível que só quem é mãe entende**

Maternidade e liderança compartilham competências que raramente aparecem nos manuais corporativos: gestão de tempo, capacidade de improviso, resistência emocional, organização sob caos e leitura rápida de prioridades. Bárbara verbaliza isso com precisão.

**“Eu tenho que ter uma dedicação enorme, mas também tenho que saber priorizar e principalmente otimizar meu tempo, para eu também estar presente o máximo possível com minha filha.”**

A fala revela um tipo de competência que muitas mulheres desenvolvem silenciosamente. Não se trata de “equilibrar tudo”, mas de arbitrar conflitos diários entre urgências legítimas.

Uma reunião importante ou uma apresentação escolar. Uma agenda institucional ou uma necessidade emocional da filha. Um congresso nacional ou a rotina doméstica.

Ao contrário do que se supõe, essas tensões não enfraquecem lideranças femininas. Frequentemente as tornam mais eficientes, objetivas e conscientes do valor do tempo.

**O que a filha aprende sem perceber**

Izabela cresce observando a mãe em uma das áreas mais exigentes da medicina. Cresce vendo estudo, disciplina, preparo, viagens, compromissos, responsabilidade e também presença afetiva. Isso educa mesmo quando ninguém está ensinando explicitamente.

**“Eu espero muito que toda a minha dedicação, à formação, ao trabalho, minha resiliência, sejam exemplos para que ela siga com propósito o caminho dela. Que ela não meça esforços, que ela persevere.”**

Toda criança aprende pela convivência. No caso de filhas, ver a mãe ocupar espaços de relevância amplia horizontes internos. Naturaliza a ideia de competência feminina. Ensina que autoridade pode ter voz suave. Que firmeza não depende de agressividade. Que sucesso pode conviver com afeto.

É por isso que maternidade e mercado não são temas separados. O modo como mães vivem hoje influencia a sociedade de amanhã.

**O câncer e a nova consciência doméstica**

Lidar diariamente com câncer muda qualquer profissional. Mas quando essa profissional é mãe, a leitura sobre risco e prevenção ganha novas camadas.

Bárbara explica que apenas uma pequena parcela dos cânceres é hereditária. A maioria decorre de fatores ambientais e comportamentais.

**“Isso impacta o jeito que eu crio minha**

lideranças maduras sabem o contrário: reconhecer limites protege a excelência. Saber delegar preserva energia. Entender que não se controla tudo é condição que proporciona lucidez.

A maternidade, nesse sentido, funciona como escola radical de realidade. Crianças desorganizam agendas, desmontam certezas, exigem presença genuína e lembram diariamente que amor não obedece ao cronograma. Quem aprende com isso costuma liderar melhor.

**Manaus e o protagonismo feminino qualificado**

A capital amazonense vive uma fase de estabelecimento de mulheres em posições centrais nos campos da saúde, do empreendedorismo, da arquitetura, da educação e da comunicação.

Bárbara representa um recorte particularmente importante desse movimento: a mulher altamente qualificada que não precisou sair definitivamente da região para realizar grandeza. Trouxe repertório internacional e o colocou a serviço da cidade.

Esse tipo de retorno transforma ecossistemas inteiros. Inspira jovens médicas, fortalece instituições locais, eleva padrões e reduz a ideia de que excelência só existe fora. Quando essa trajetória ainda se combina com a maternidade presente, o impacto simbólico se multiplica.

**A filha que também ensina**

Bárbara encerra com uma observação de rara delicadeza: “A gente às vezes acha que só nós ensinamos aos filhos... mas eu aprendo diariamente com a minha filha Izabela.”

Talvez esteja aí o segredo das grandes mulheres que conciliam autoridade e humanidade: elas continuam aprendendo.

Num mundo que premia certezas ruidosas, há algo profundamente elegante em quem alcança o topo técnico sem perder a capacidade de se transformar.

Bárbara Melão é uma dessas histórias. Médica de excelência, liderança nacional, mãe presente e símbolo de uma nova geração feminina que não pede licença para ocupar espaço; mas também não abre mão da ternura.

Porque algumas carreiras impressionam pelo currículo. Outras, pelo impacto. As mais raras conseguem unir os dois

e ainda voltar para casa a tempo de ouvir uma pergunta simples da filha. E aprender com ela.



# A maternidade como eixo invisível de decisões firmes

Na trajetória de Maria da Graça Carvalho, o Direito ganha novas camadas de escuta, sensibilidade e propósito a partir da experiência de ser mãe

Em um ambiente historicamente marcado por formalidade, rigor técnico e decisões que impactam diretamente a vida de outras pessoas, a presença da maternidade não chega como ruptura, mas como ampliação. Para Maria da Graça Carvalho, esse processo não significou suavizar critérios, e sim aprofundar a forma de enxergar o outro.

“

**“A maternidade ampliou minha escuta qualificada e minha sensibilidade, sem afastar o necessário rigor técnico”, afirma.**

”

Essa mudança não acontece de forma abrupta, mas se infiltra no cotidiano. Ao lidar com equipes e situações complexas, ela percebeu que a experiência de ser mãe trouxe uma nova camada de leitura humana.

“Na condução de equipes, senti que a maternidade contribuiu para uma liderança mais empática, organizada e eficiente”, completa, indicando que o impacto vai além do campo emocional e alcança diretamente a gestão.

## Entre o desafio e a construção de autoridade

A trajetória feminina no direito ainda carrega marcas de um ambiente predominantemente masculino, onde a necessidade de provar competência é constante. Nesse cenário, a maternidade poderia ser vista como obstáculo. Para Maria da Graça, no entanto, o efeito foi outro, mais estrutural do que circunstancial.

**“Embora represente um desafio adicional em termos de gestão de tempo e múltiplas responsabilidades, senti que a minha maternidade fortaleceu habilidades como organização, disciplina, resiliência e escuta ativa”, explica.**

São características que, no exercício da função, deixam de ser diferenciais e passam a ser ferramentas indispensáveis.

Essa construção não elimina as dificuldades, mas reorganiza prioridades. Ao invés de fragilizar a atuação profissional, a maternidade atua como catalisadora de competências que já eram necessárias, mas que se tornam ainda mais refinadas diante da exigência de conciliar múltiplos papéis.

## Equilíbrio possível em meio às tensões do cotidiano

A ideia de conciliar carreira e maternidade frequentemente aparece associada a escolhas definitivas, como se fosse inevitável abrir mão de uma dimensão em favor da



Fotos: Divulgação

outra. A experiência prática, no entanto, revela um cenário mais complexo, feito de ajustes contínuos.

**“Como em muitas trajetórias profissionais exigentes, há momentos de tensão entre demandas profissionais e a amplitude da presença familiar”, reconhece.**

A solução, segundo ela, não está em decisões radicais, mas em estrutura. “Procurei atuar com planejamento, organização e transparência, construindo uma rede de apoio e adotando uma gestão de tempo rigorosa.”

Essa lógica desloca o foco da ideia de equilíbrio perfeito para uma gestão consciente das imperfeições. Não se trata de estar integralmente em todos os lugares ao mesmo tempo, mas de garantir qualidade naquilo que se propõe a fazer, tanto no trabalho quanto na vida familiar.

## Filhos como construção contínua de identidade

A maternidade também se manifesta nas fases. Não é uma experiência estática, mas um processo que evolui conforme o crescimento dos filhos e as demandas de cada etapa. Maria da Graça resume isso com clareza ao falar de Igor e Hugo, seus dois filhos. “Tenho dois filhos, Igor e Hugo, de sete e cinco anos, os grandes amores da minha vida”, diz, antes de destacar o impacto de cada fase.

**“A primeira infância exigiu maior entrega e adaptação. Com o crescimento deles,**

**vieram desafios ligados à formação, ao diálogo e à construção de valores.”**

Essa transição revela uma



maternidade que deixa de ser exclusivamente operacional para se tornar cada vez mais formativa. O cuidado físico dá espaço à construção de referências, princípios e autonomia, elementos que exigem presença, mas também escuta e flexibilidade.

## Para além do texto legal, a leitura do humano

No campo jurídico, a interpretação de situações vai muito além da leitura literal da lei. Envolve compreender contextos, histórias e vulnerabilidades. É nesse ponto que a maternidade se apresenta como um diferencial silencioso, mas decisivo.

**“Sem dúvida, a maternidade contribui para ampliar a percepção das múltiplas dimensões que envolvem os conflitos humanos”, afirma.**

Essa ampliação não compromete o rigor técnico, mas o complementa.

**“Essa vivência fortaleceu minha escuta qualificada e a capacidade de compreender contextos para além da literalidade do texto legal.”**

O resultado é uma atuação mais completa, que não ignora a complexidade das relações humanas. Em vez de simplificar, a maternidade adiciona camadas de entendimento, permitindo decisões mais conscientes e alinhadas com a realidade.

## Expectativas sociais e o peso da prova constante

A cobrança sobre mulheres em posições de liderança ainda carrega um componente adicional quando envolve a

maternidade. A necessidade de provar competência, muitas vezes, não se limita ao desempenho profissional, mas se estende à forma como essas mulheres conduzem suas vidas pessoais.

**“É possível identificar, ainda hoje, expectativas sociais distintas em relação às mulheres, especialmente às mães, no exercício de funções de liderança”, observa.**

Ainda assim, ela aponta um movimento de transformação.

**“Há um processo gradual de mudança, com maior reconhecimento da capacidade técnica e da legitimidade das mulheres nesses espaços.”**

Diante disso, sua estratégia não é confrontar diretamente essas expectativas, mas estabelecer um padrão próprio de atuação.

“Procuro pautar minha atuação por critérios objetivos, consistência decisória e compromisso institucional”, explica, reforçando que a autoridade precisa se sustentar no mérito e na qualidade do trabalho.

## O exemplo que se constrói no cotidiano

Mais do que discursos, a maternidade também se traduz em exemplos práticos. A forma como uma trajetória é construída passa a ser, inevitavelmente, uma referência para os filhos, ainda que de maneira indireta.

**“Acredito que o principal exemplo é o de coerência entre valores e prática”, afirma.**

Para ela, não basta defender princípios; é preciso vivê-los.

**“Ao construir uma trajetória pautada por disciplina, estudo e responsabilidade, procuro demonstrar a importância do compromisso com o próprio desenvolvimento”, completa.**

Essa construção ultrapassa o ambiente familiar e se conecta com o papel social do trabalho.

“Busco transmitir que esforço, integridade e senso de dever são fundamentos duradouros”, completa, indicando que o legado não está apenas no que se conquista, mas na forma como se conquista.

## Transformação e permanência em uma mesma experiência

Ao longo do tempo, a maternidade se transforma,

mas também preserva elementos essenciais.

Entre mudanças e permanências, há um ponto que se mantém constante e que, para Maria da Graça, define a experiência de forma mais precisa.

**“Ter acesso a um amor inexplicável e imensurável”, resume.**

É uma definição que não busca complexidade, mas que sintetiza a dimensão mais profunda da maternidade, aquela que não depende de contexto ou circunstância.

Ao olhar para trás, ela também revisita a própria trajetória com um olhar mais amplo, reconhecendo os desafios, mas sem perder de vista as possibilidades.

**“Diria que a maternidade não me afastaria dos meus sonhos e objetivos profissionais, apenas exigiria adaptações e ainda mais disciplina.”**

Essa percepção reforça a ideia de que não há incompatibilidade estrutural entre maternidade e carreira. O que existe é a necessidade de reorganização, de ajustes e, principalmente, de clareza sobre prioridades.

## Um equilíbrio construído, não idealizado

A ideia de equilíbrio, muitas vezes, aparece associada a um estado ideal, quase inalcançável.

Na prática, porém, ele se constrói de forma dinâmica, com concessões e escolhas que variam ao longo do tempo.

**“É possível conciliar diferentes dimensões da vida com um equilíbrio possível, não perfeito”, afirma.**

A distinção entre o possível e o perfeito não é apenas semântica; ela redefine expectativas e reduz a pressão por um modelo inalcançável.

Esse entendimento permite uma vivência mais realista da maternidade e da carreira. Em vez de buscar um padrão ideal, a construção se dá a partir das condições reais, respeitando limites e potencialidades.

No fim, o que se revela é uma trajetória que não separa maternidade e profissão, mas as integra. Não como elementos em disputa, mas como dimensões que se complementam e se fortalecem mutuamente, criando uma experiência mais completa, consistente e, sobretudo, humana.



# Entre cicatrizes e ouro, a maternidade e a arte de forjar o futuro sob pressão

Jaqueline Chagas e uma trajetória onde maternidade, trabalho e sobrevivência se confundem até se transformarem em patrimônio

Existem trajetórias que não começam com planejamento estratégico, capital inicial ou estrutura consolidada. Começam com urgência, necessidade e com responsabilidade que não pode esperar. No caso da joalheira Jaqueline Chagas, a maternidade não foi um capítulo dentro da história empresarial. Foi o ponto de partida absoluto de tudo o que viria depois.

Aos 25 anos, viúva e com três filhos, ela não teve tempo para elaborar o futuro. Precisou construí-lo em movimento. E foi nesse cenário que nasceu uma marca que, anos depois, se consolidaria no segmento de joias em Manaus, carregando não apenas valor financeiro, mas uma narrativa de resistência e reconstrução.

**“Fiquei viúva aos 25, com 3 filhos. Trabalhei 14, 15 horas por dia, de segunda a segunda. Sacola na mão, tribunais, secretarias, casa de amigos. Minha marca nasceu ali, não numa loja. Nasceu porque era por eles. Cada venda era o futuro dos meus filhos. A maternidade não influenciou depois. Ela foi o motivo do começo.”**

A afirmação é direta e elimina qualquer tentativa de romantização. Não havia espaço para planejamento sofisticado ou posicionamento de mercado. Havia necessidade. Havia responsabilidade. E havia uma decisão silenciosa, mas definitiva: fazer dar certo.

Essa lógica, comum a muitas mulheres que entram no mercado por necessidade e não por escolha, ganha uma dimensão ainda mais intensa quando atravessada pela maternidade solo.

No contexto amazônico, onde desafios estruturais ainda impactam diretamente o acesso a oportunidades, histórias como a de Jaqueline revelam uma camada pouco discutida do empreendedurismo feminino: aquela que nasce da sobrevivência e, ao longo do tempo, se transforma em estratégia.

**O nascimento de uma marca fora do padrão**

Ao contrário do que se espera de negócios ligados ao universo do luxo, a marca Jaqueline Chagas não surgiu em vitrines, nem em pontos comerciais planejados. Surgiu na rua. Na circulação. No contato direto com o cliente.

Sacola na mão, ela percorreu espaços institucionais, ambientes informais, redes de contato que foram sendo construídas no dia a dia. Esse modelo, embora distante do glamour que hoje cerca o segmento, foi essencial para a consolidação de uma característica que se tornaria central no



Fotos: Divulgação

negócio: a proximidade.

**“Não existia espaço para perfeição. Existia boleto, escola e sacola para carregar. Luxo era conseguir dormir em paz e na alegria de quem fazia tudo por amor.”**

A fala expõe uma inversão importante de valores. Enquanto o mercado associa luxo à estética, exclusividade e alto custo, Jaqueline constrói uma definição baseada em estabilidade, segurança e propósito. Essa ressignificação não é apenas discursiva. Ela se traduz na forma como o negócio foi estruturado e conduzido ao longo dos anos.

**“Autenticidade virou meu único marketing. Eu era mulher que trabalhava de segunda a segunda e ainda olhava no olho. Cliente sentia. Por isso voltei todo dia por 20 anos.”**

A consistência, nesse caso, substitui estratégias tradicionais de branding. O relacionamento direto, a presença constante e a transparência se tornam diferenciais competitivos em um mercado onde a confiança é determinante.

**Legado: entre esforço e afeto**

Ao longo de duas décadas, o negócio deixou de ser apenas uma fonte de renda e passou a representar um projeto de construção patrimonial. No entanto, ao contrário de uma lógica puramente financeira, Jaqueline introduz um elemento que altera completamente a percepção sobre valor dentro do segmento de joias.

**“Legado, pra mim, tem cheiro de esforço. Foram horas obcecadas para construir um patrimônio que eu não herdei. Só que, no meio do caminho, eu entendi que joia só dura se tiver afeto dentro. Filho, te ensina isso.”**

A declaração aponta para uma compreensão mais ampla sobre permanência. Em um mercado onde o valor de uma peça é frequentemente associado à matéria-prima e design, ela introduz o conceito de carga emocional como elemento central.

Essa visão ganha ainda mais

força com a união de trajetórias que hoje sustentam o negócio. Ao lado do marido, joalheiro de tradição familiar, Jaqueline estabelece uma ponte entre dois universos distintos: o da construção na marra e o da herança técnica.

**“Hoje, com meu marido, joalheiro de gerações, ao meu lado, a gente une duas histórias. A minha, de recomeço. A dele, de tradição. As duas viram futuro.”**

Essa convergência representa não apenas uma evolução empresarial, mas também uma consolidação de identidade. A marca deixa de ser apenas resultado de esforço individual e passa a incorporar uma dimensão de continuidade.

**Filhos como estrutura, não obstáculo**

Ao longo desse processo, a maternidade não foi um elemento paralelo à construção do negócio. Foi parte integrante da estrutura que o sustentou. Criar três filhos enquanto desenvolvia uma atividade comercial exigiu não apenas disciplina, mas uma redefinição constante de prioridades.

**“Criei 3 filhos com a ajuda de Deus e de anjos pelo caminho. A Janaína, a mais velha, aprendeu cedo o que é responsabilidade. O do meio, o Luty, meu parceiro comercial, viu que disciplina vence talento. O caçula, Lucas, hoje ortopedista, já nasceu vendo que recomeço dá certo.”**

A fala revela não apenas orgulho, mas uma leitura clara sobre o impacto do ambiente na formação dos filhos. Cada um, à sua maneira, absorveu elementos da trajetória materna e os transformou em aprendizado.

**“Eles me ensinaram que prioridade não é escolher entre trabalho e casa. É entender que, por um tempo, eu trabalhei por eles, para depois trabalhar com eles em mente.”**

Essa perspectiva rompe com uma dicotomia comum no discurso sobre maternidade e carreira. Em vez de tratar trabalho e família como esferas concorrentes, Jaqueline apresenta uma lógica

de continuidade, onde uma dimensão sustenta a outra em diferentes momentos.

**Sensibilidade como ferramenta de negócio**

Outro aspecto relevante da trajetória é a forma como a experiência pessoal influenciava diretamente a condução do negócio. A vivência de maternidade solo, associada à rotina intensa de trabalho, desenvolveu uma habilidade que, no contexto comercial, se transforma em diferencial.

**“Segunda a segunda na rua te dá calo e faro. Você aprende a ler pessoas em 30 segundos. Mas a maternidade solo te dá mais: você sente quando alguém precisa de colo, não de desconto.”**

A afirmação sintetiza uma característica que dificilmente pode ser ensinada em ambientes formais de formação empresarial: a capacidade de leitura emocional do cliente. Essa sensibilidade, construída a partir de experiências pessoais, redefine a forma de atendimento e fortalece vínculos.

**“Hoje, com meu marido, a gente soma. Ele tem a técnica centenária. Eu tenho a escuta de quem viveu a falta. Dá liga.”**

Essa combinação de técnica e empatia cria uma proposta de valor que vai além do produto. O cliente não adquire apenas uma joia; ele participa de uma experiência construída sobre história, escuta e conexão.

**Culpa, rede de apoio e ressignificação**

Como em muitas trajetórias femininas marcadas por múltiplas responsabilidades, a culpa aparece como elemento recorrente. No entanto, ao longo do tempo, essa sensação é ressignificada.

**“Culpa foi minha sombra por muitos anos. Até entender que anjos apareceram no caminho o tempo todo: cliente que indicava, amigo que abria a casa, funcionário que ficava até mais tarde.”**

O reconhecimento da rede de apoio, muitas vezes invisível, altera a percepção sobre o pró-

prio percurso. O que antes era interpretado como sobrecarga individual passa a ser compreendido como resultado de uma construção coletiva.

**Transformação contínua**

Ao refletir sobre sua própria trajetória, Jaqueline organiza sua história em fases bem definidas, cada uma marcada por desafios e aprendizados específicos.

**“Antes dos 25: sonhada- ra. Dos 25 aos 45: sobrevivente que virou empresária na marra, 15 horas por dia. Depois do assalto: dona de loja. Depois do casamento: guardiã de legado.”**

A menção ao assalto, que resultou na perda do estoque, representa um ponto de ruptura que, paradoxalmente, impulsiona uma nova etapa.

**“O assalto levou meu estoque, mas me deu coragem pra abrir a loja.”**

Esse tipo de ressignificação é recorrente em trajetórias marcadas por adversidade. Eventos negativos deixam de ser apenas perdas e passam a ser interpretados como gatilhos de mudança.

**Luxo como transformação**

Ao final, Jaqueline sintetiza sua trajetória em uma definição que contrasta com os conceitos tradicionais do mercado em que atua.

**“Luxo, pra mim, é isso: transformar dor em patrimônio.”**

A frase não apenas encerra a narrativa, mas estabelece um posicionamento claro.

Em um segmento frequentemente associado à exclusividade e ao status, ela propõe uma leitura baseada em processo, esforço e significado.

Neste Dia das Mães, a história de Jaqueline Chagas não se apresenta como exceção, mas como representação de um grupo significativo de mulheres que constroem, sustentam e transformam realidades a partir da maternidade.

Mais do que uma homenagem, trata-se de um reconhecimento: de que, em muitos casos, os maiores empreendimentos não nascem de planos, mas de necessidades. E que, quando atravessados por propósito, eles deixam de ser apenas negócios e passam a ser legados.



# O ponto de **VIRADA** para quem sonha.



**Instituto  
Break Point**®

Transformando vidas por meio do esporte.

[institutobreakpoint.org](http://institutobreakpoint.org)



**Doe Agora**

# Todo grande sonho começa com uma chance.

Usamos o tênis como ferramenta de transformação para impactar crianças e adolescentes dentro e fora das quadras, promovendo educação, valores e oportunidades.

*“Acreditamos no poder do esporte para abrir caminhos e transformar realidades.”*



**Instituto  
Break Point**

 [institutobreakpoint.org](http://institutobreakpoint.org)

 [institutobreakpoint](https://www.instagram.com/institutobreakpoint)



**Doe Agora**

# A maternidade sem idealização: amor, responsabilidade e liberdade de escolha

Fotos: Divulgação

Luzia Piassa Neves constrói uma narrativa de maternidade que não se ancora em romantizações, mas em vivência, consciência e afeto contínuo

A história de Luzia Piassa Neves com a maternidade começou cedo, aos 21 anos, em um momento em que a vida ainda estava em construção. Ao contrário do que muitas trajetórias sugerem, não houve pausa, nem interrupção definitiva de planos. Houve adaptação, esforço e, sobretudo, persistência.

Com um filho pequeno nos braços, ela seguiu frequentando a faculdade, conciliando responsabilidades que, naquele momento, pareciam maiores do que qualquer planejamento prévio poderia prever. O filho acompanhava a rotina, presente em um cotidiano que misturava estudo, vida conjugal e os primeiros desafios de ser mãe.

Esse início não foi idealizado. Foi difícil. Exigiu reorganização, exigiu renúncias pontuais, exigiu maturidade precoce. Mas também trouxe um elemento que, segundo ela, redefine completamente a percepção de mundo: a consciência de que, a partir daquele momento, sua vida já não dizia respeito apenas a si mesma.

A maternidade, nesse estágio inicial, aparece como um deslocamento de eixo. A responsabilidade deixa de ser individual e passa a ser compartilhada; ou, mais do que isso, direcionada ao outro.

**“Você começa a pensar que não pode morrer, porque tem alguém que depende de você”, sintetiza, em uma frase que traduz o impacto dessa transformação.**

**O peso e a força de ser necessária**

A experiência de ser mãe, especialmente na juventude, carrega um componente que ultrapassa o afeto: a urgência. Existe o amor, mas existe também o medo. O medo de não dar conta, de não corresponder, de não conseguir sustentar todas as demandas que surgem junto com a chegada de um filho.

Nos primeiros meses, essa sensação se intensifica. O cuidado constante, a necessidade de estar presente, a responsabilidade absoluta sobre uma vida ainda em formação criam um estado de alerta permanente. É um aprendizado que não se dá de forma teórica, mas prática, cotidiana e, muitas vezes, exaustiva.

**“Quando a gente vira mãe, percebe que não vive mais só por si. Parece que você não pode mais falhar, porque tem alguém que depende totalmente de você. Os primeiros meses são incríveis, mas também dão muito medo. Você sente que precisa ser forte por aquela criança que está ali no seu colo.”**

Luzia descreve esse período como um misto de descoberta e insegurança. Ao mesmo tempo em que há encantamento, há também uma pressão interna



silenciosa. A necessidade de ser forte, mesmo sem saber exatamente como, passa a fazer parte da rotina.

E é nesse ponto que a maternidade começa a moldar não apenas comportamentos, mas a própria estrutura emocional da mulher. A capacidade de suportar, de insistir, de seguir mesmo diante das incertezas passa a ser construída dia após dia.

**Dois momentos, duas maternidades**

A chegada do segundo filho acontece em um cenário completamente diferente. Mais madura, com maior estabilidade financeira e emocional, Luzia vivencia uma maternidade menos tensa e mais consciente.

Se no primeiro momento havia urgência, no segundo havia presença. Se antes havia insegurança, agora existe experiência. Essa diferença não altera o amor, que, segundo ela, permanece igual, mas transforma profundamente a forma de viver a maternidade.

**“Não é amor diferente entre os filhos, mas com o mais novo veio mais companheirismo. A gente compartilha mais coisas, gostos, momentos”, revela.**

Com mais tempo, mais estrutura e mais clareza, ela consegue acompanhar de perto o crescimento do filho, participar de atividades, estar presente em momentos que antes eram atravessados pela necessidade de conciliar múltiplas demandas.

Esse contraste evidencia um ponto importante: a maternidade não é uma experiência única e fixa. Ela se transforma de acordo com o contexto, com a fase da vida, com as condições materiais e emocionais disponíveis.

E essa transformação não diminui o valor de nenhuma das experiências. Pelo contrário, amplia a compreensão sobre o que significa, de fato, ser mãe em diferentes momentos da vida.

**O que muda dentro de quem se torna mãe**

Independentemente do contexto, há algo que se mantém constante: a mudança interna. Para Luzia, poucas experiências são tão transformadoras quanto a maternidade. É um proces-

so que altera prioridades, reorganiza pensamentos e redefine o modo de enxergar o mundo.

**“A maternidade muda completamente a mulher. Acho que é a coisa que mais transforma. É um amor que a gente nem consegue explicar, e ao mesmo tempo vem um medo enorme de não dar conta, de não ser uma boa mãe.”**

A partir do momento em que se torna mãe, tudo passa a ser filtrado por uma nova perspectiva.

O futuro deixa de ser apenas um projeto pessoal e passa a incluir o destino do filho. Questões como saúde, segurança, educação e até o cenário político ganham novos significados.

Existe, também, uma dimensão emocional que se intensifica. O amor se torna mais profundo, mais visceral, mas o medo acompanha esse movimento. O receio de não ser suficiente, de não conseguir proteger ou orientar da melhor forma possível, passa a coexistir com o afeto.

Essa dualidade, amor e medo, é um dos elementos mais marcantes da maternidade real, distante das idealizações. E é justamente essa leitura que Luzia faz questão de destacar.

**“Ser mãe é maravilhoso, mas não é esse paraíso que romantizam. Tem desespero, tem cansaço, tem noites sem dormir, tem preocupação quando o filho adoece ou não chega na hora. É bonito, mas também é difícil.”**

**A maternidade sem romantização**

Ao longo da conversa, um ponto se repete com clareza: a maternidade não é um paraíso. Ela é, ao mesmo tempo, maravilhosa e desafiadora. É fonte de alegria, mas também de exaustão, preocupação e, em muitos momentos, desespero.

A imagem idealizada da maternidade, frequentemente reforçada por discursos sociais e culturais, não corresponde à totalidade da experiência. Há noites mal dormidas, há angústias, há

momentos de dúvida e cansaço extremo.

**“Ser mãe é maravilhoso, mas não é esse paraíso que romantizam. Tem desespero, tem cansaço, tem noites sem dormir, tem preocupação quando o filho adoece ou não chega na hora. É bonito, mas também é difícil”, resume.**

É uma fala que desmonta o imaginário romantizado e aproxima a maternidade da realidade vivida por milhões de mulheres.

E, ao fazer isso, ela não diminui a importância da experiência. Apenas a torna mais honesta.

Mais humana. Mais possível de ser compreendida em sua complexidade.

**Família, respeito e persistência**

Entre os valores que procura transmitir aos filhos, Luzia destaca três pilares: a importância da família, o respeito às pessoas e a persistência.

A família aparece como base, como referência, como espaço de apoio e construção. O respeito surge como princípio fundamental de convivência, independente de diferenças sociais, culturais ou econômicas. E a persistência como motor para a realização pessoal.

São valores que refletem não apenas o que foi ensinado, mas o que foi vivido. A trajetória dela, marcada por desafios e superações, reforça a ideia de que nada é impossível para quem insiste e não desiste.

Esse conjunto de princípios forma o que ela entende como legado. Não um legado material, mas que deveria ser ético. Um conjunto de referências que orientam escolhas e comportamentos ao longo da vida.

**O vínculo que permanece**

Com o passar dos anos, os filhos crescem, constroem suas próprias trajetórias e, naturalmente, se afastam fisicamente. Mas, no caso de Luzia, esse afastamento nunca foi completo.

A relação se mantém próxima, quase como um núcleo que se expande, mas não se rompe. A filha vive perto, os encontros são frequentes, os netos fazem parte da rotina. O filho mais novo ainda divide o espaço, reforçando

essa convivência contínua.

Essa dinâmica cria o que ela define como um “clã”, uma estrutura familiar que permanece unida, mesmo com as mudanças naturais do tempo.

Há, também, um entendimento claro sobre os limites dessa relação. O respeito à autonomia dos filhos é fundamental. A presença existe, mas sem imposições. O apoio é constante, mas sem interferência excessiva.

**“Ser mãe, para mim, é estar ao lado, ser amiga, conselheira. É um amor quase enlouquecido. Eu faria qualquer coisa pelos meus filhos. Sou muito grata pela família que construí. Me considero uma mulher feliz.”**

**Maternidade, trabalho e empatia**

A experiência de ser mãe também impacta a forma como Luzia se relaciona com o mundo profissional. Não necessariamente na tomada de decisões estratégicas, mas na maneira de lidar com as pessoas.

Existe, segundo ela, uma espécie de instinto que se transfere. Uma forma de cuidar, de orientar, de exigir sem pressionar excessivamente. Não como substituição da figura materna, mas como extensão de uma vivência.

Essa conexão entre maternidade e empatia reforça um aspecto importante: a experiência pessoal influencia, direta ou indiretamente, a forma como se constroem relações profissionais.

**“A maternidade me ensinou a ter mais paciência com as pessoas. A entender melhor as limitações dos outros. Isso eu levo para o trabalho também.”**

**Ser mãe, mas não apenas isso**

Talvez o ponto mais marcante da fala de Luzia seja a recusa em colocar a maternidade como centro absoluto da vida feminina. Para ela, ser mãe é importante, é significativo, mas não é obrigatório nem suficiente para definir a felicidade de uma mulher.

A independência, a formação, a construção de uma identidade própria são, em sua visão, etapas fundamentais. A maternidade pode vir depois; ou não vir.

**“Acho que as mulheres hoje estão certas em se preparar mais antes de serem mães. Estudar, ter independência, construir a própria vida. Talvez ser mãe mais tarde traga mais experiência. É importante, mas não é obrigação. Uma mulher pode ser feliz sendo mãe ou não. Não é isso que define a felicidade.”**

Essa perspectiva rompe com uma lógica ainda presente em muitos contextos sociais, onde a mulher é frequentemente associada, de forma quase exclusiva, ao papel da maternidade.

Ao afirmar que é possível ser feliz sem filhos, ela amplia o debate e legitima outras formas de existência. E, ao mesmo tempo, reafirma que a maternidade, quando acontece, deve ser vivida com consciência, não como imposição.

**Entre o cotidiano e o simbólico**

O Dia das Mães, para Luzia, não carrega um significado especial. Não por desvalorização, mas por uma compreensão diferente do que representa o afeto.

Para ela, o amor não deve ser concentrado em uma data. Deve ser demonstrado no cotidiano, nas pequenas ações, nas relações constantes. A celebração pontual perde força diante da convivência contínua.

Essa visão também carrega uma crítica ao caráter comercial dessas datas. A ideia de que o reconhecimento precisa ser comprado ou marcado por um momento específico não faz sentido dentro da lógica que ela construiu ao longo da vida.

O que importa, no fim, é o vínculo. E esse não se limita a um dia no calendário. “Todo dia é dia.”

Eu não acho que precisa de uma data específica para demonstrar amor. O carinho pode ser demonstrado em qualquer momento.”

**O que realmente importa**

Ao final, quando questionada sobre o que representa a maternidade hoje, Luzia responde com simplicidade: estar presente. Ser amiga, conselheira, companheira. Fazer o possível para ajudar, apoiar, orientar.

Não há grandes elaborações teóricas. Há prática. Há vivência. Há uma clareza construída ao longo dos anos.

E, acima de tudo, há o reconhecimento de que, apesar de todas as dificuldades, a maternidade ocupa um lugar central em sua vida; não como obrigação, mas como escolha vivida.

Se existe uma síntese possível, ela está na forma como define os filhos: as coisas mais importantes do mundo. Uma frase direta, sem adornos, mas carregada de tudo o que foi construído até aqui.

Entre amor, responsabilidade, liberdade e consciência, Luzia Piassa Neves constrói uma narrativa que não busca ser exemplo, mas acaba sendo. Não pela perfeição, mas pela honestidade. Não pela idealização, mas pela verdade.

**“Meus filhos e meus netos são as coisas mais importantes da minha vida. Tenho muito orgulho deles e quero que continuem sendo quem são.”**

# Educação sem atalhos e a missão de transformar o cuidado em formação de caráter

Fotos: Divulgação

Longe de idealizações, a trajetória de quem encara a maternidade como uma missão de entrega e presença para formar o caráter dos filhos e preparar o futuro

**H**á um ponto pouco explorado quando se fala em maternidade; e ele aparece com força na história de Márcia Maués Peixoto. Não é o romantismo fácil, nem a estética de perfeição que costuma dominar as narrativas contemporâneas.

É a consciência de que criar filhos é, antes de tudo, assumir um compromisso contínuo, exigente e, muitas vezes, desconfortável. Um compromisso que não se terceiriza, não se simplifica e, sobretudo, não se suaviza para caber em discursos mais agradáveis.

Márcia é mãe de dois filhos em fases completamente distintas da vida: Helena, de 13 anos, e João Vitor, de 20. Dois universos, duas demandas emocionais, duas experiências de maternidade que, segundo ela mesma define, são quase independentes entre si. "São maternidades diferentes", resume, com a objetividade de quem vive na prática o que muitas vezes é tratado de forma abstrata.

Essa diferença não está apenas na idade ou no gênero dos filhos. Está, principalmente, na própria transformação da mulher ao longo do tempo. A mãe que Márcia foi aos 20 anos não é a mesma que ela se tornou mais tarde.

E essa consciência, longe de ser um conflito, é parte central da forma como ela enxerga a maternidade hoje.

“

**"Eu não sou a mesma mãe para os dois. E isso não é erro, é realidade", afirma.**

”

Essa frase, aparentemente simples, carrega um dos pontos mais sensíveis da discussão contemporânea sobre maternidade: a ideia de que não existe um modelo fixo, replicável ou ideal. Existe adaptação. Existe contexto. Existe evolução.

**O impacto de uma maternidade que começa sem planejamento**

A primeira gestação de Márcia não foi planejada. Aos 20 anos, ainda em um momento de construção pessoal e profissional, ela precisou reorganizar completamente a própria trajetória. "Foi um impacto", relembra, sem tentar suavizar a memória.

A gestação, apesar de tranquila do ponto de vista clínico, trouxe um choque de realidade. Não apenas pela responsabilidade imediata, mas pela ruptura com uma rotina que ainda estava em formação. O nascimento de João Vitor marcou não apenas a chegada de um filho, mas o início de uma nova lógica de vida.

O que mais ficou daquele período não foi apenas o encantamento inicial, que também existiu, mas o can-



saço extremo, as noites sem dormir, a exaustão física e emocional. "Isso me marcou muito", admite.

Há, nesse ponto, uma honestidade que raramente aparece em discursos mais idealizados. A maternidade, especialmente quando vivida de forma precoce, exige um nível de entrega que nem sempre encontra espaço para elaboração emocional imediata. É um processo que acontece enquanto a vida segue.

E, ainda assim, há potência nesse cenário. Ser mãe jovem trouxe também energia, disponibilidade física e uma presença intensa na criação do filho. Márcia não terceirizou essa responsabilidade. Optou por estar próxima, por acompanhar de perto cada fase, mesmo diante das dificuldades.

Essa decisão, que hoje pode parecer natural, revela uma escolha consciente em um contexto que nem sempre favorecia essa proximidade.

**Dois filhos, dois espelhos, múltiplos aprendizados**

Se a primeira experiência foi marcada pela intensidade e pelo impacto, a segunda maternidade trouxe um outro tipo de desafio: o da consciência.

Com Helena, já mais madura e com mais experiência de vida, Márcia se viu diante de uma relação diferente. Mais estruturada em termos emocionais, mas igualmente exigente.

E é aqui que surge um dos pontos mais interessantes da sua narrativa: os filhos como espelhos.

João Vitor, mais introspectivo, mais silencioso, obrigou a mãe a lidar com o diferente. "Ele me fez aprender a respeitar um jeito de ser que não é o meu", explica. Em um mundo que valoriza a imposição de personalidade, esse aprendizado exige esforço.

Já Helena, com traços muito semelhantes aos da mãe, trouxe outro tipo de desafio: o de reconhecer em alguém externo características próprias; tanto as qualidades quanto os pontos que precisam ser ajustados. "Eu me vejo nela, isso me faz refletir sobre mim mesma", diz.

Essa dualidade, lidar com o oposto e com o semelhante, amplia o papel da maternidade para além do cuidado. Ela se torna um espaço de autoconhecimento contínuo.

E talvez esteja aí um dos aspectos mais negligenciados quando se fala em ser mãe: não é apenas formar alguém. É também se transformar constantemente no processo.

**Missão como eixo da maternidade**

Quando questionada sobre o que significa ser mãe hoje, Márcia não recorre a metáforas nem a construções poéticas. Ela escolhe uma palavra que sintetiza com mais precisão o que vive: missão.

Mas faz questão de explicar o porquê: "Ter filho, muitas vezes, qualquer um pode ter. Mas ser mãe de verdade é outra coisa."

A maternidade, na leitura dela, não se limita ao vínculo biológico. Está diretamente ligada a um compromisso contínuo de formação. Educar, orientar, acolher e, quando necessário, corrigir. Não apenas oferecer conforto, mas também preparar para o mundo real.

Essa ideia de missão desloca a maternidade de um lugar passivo para um campo de ação. Não se trata apenas de amar, trata-se de agir com intenção. De construir, no dia a dia, referências que vão moldar o caráter e as decisões futuras dos filhos.

E essa missão não é feita apenas de momentos leves. "Não é só coisa boa", reforça. Existe o momento de dizer não. De impor limites. De sustentar decisões que, no curto prazo, podem gerar desconforto, mas que, no longo prazo, estruturam o indivíduo.

Existe, inclusive, o enfrentamento emocional de ver o filho frustrado, triste ou contrariado; e, ainda assim, manter a direção.

Essa visão amplia o papel da mãe para além do cuidado imediato. Coloca a maternidade como um projeto de longo prazo, onde cada escolha carrega um impacto futuro.

**Entre presença e renúncia: escolhas que moldam a trajetória**

A relação entre maternidade e vida profissional aparece na história de Márcia como um campo de decisões difíceis.

Ela viveu períodos em que conciliou trabalho e criação dos filhos, enfrentando rotinas intensas e, muitas vezes, exaustivas. Em outros momentos, optou por interromper a carreira para se dedicar

integralmente à família.

Essa alternância não foi linear nem planejada em todos os momentos. Foi resultado de análises práticas, inclusive financeiras. "Chegou um ponto em que eu estava pagando para trabalhar", relembra.

A decisão de priorizar a presença, especialmente na criação da filha mais nova, foi estratégica. Não apenas do ponto de vista emocional, mas também educacional.

Estar presente significou acompanhar de perto o desenvolvimento, identificar necessidades, intervir quando necessário e oferecer suporte constante. Em um mundo cada vez mais acelerado, essa escolha ganha um peso ainda maior.

E, ao contrário do que muitas narrativas sugerem, essa presença não é passiva. Ela exige atenção, energia e envolvimento contínuo.

**Crises, rupturas e o valor de estar presente**

Nenhuma trajetória familiar é linear. E Márcia não tenta esconder isso. Ela fala abertamente sobre momentos difíceis, incluindo questões de saúde do filho, e também sobre a separação do marido.

Esses períodos, longe de

serem apenas episódios de crise, funcionaram como pontos de teste para a estrutura familiar. E, mais uma vez, a presença aparece como elemento central.

"Eu pude estar ao lado deles." Essa frase, aparentemente simples, carrega um peso significativo. Em contextos de dificuldade, a presença não resolve tudo, mas muda a forma como os problemas são enfrentados.

E talvez seja esse um dos maiores diferenciais na forma como Márcia enxerga a maternidade: não como ausência de problemas, mas como disposição constante para enfrentá-los juntos.

**Valores que sustentam o legado**

Quando fala sobre o que busca transmitir aos filhos, Márcia organiza suas ideias em torno de princípios claros: integridade, responsabilidade, espiritualidade e autonomia moral.

A orientação é direta: fazer escolhas corretas, mesmo quando não há supervisão. Agir de forma ética, respeitar o outro e buscar um impacto positivo na vida das pessoas ao redor.

Há também uma dimensão religiosa importante, que aparece como base de orientação.

"Antes de me procurar, procure Deus", ensina aos filhos.

Essa construção de valores não acontece de forma abstrata. Ela se dá no cotidiano, nas decisões pequenas, nas correções necessárias e, principalmente, no exemplo.

O resultado, segundo ela, já começa a aparecer. Ao observar o filho mais velho trabalhando, estudando, envolvido com a igreja e mantendo uma postura respeitosa, há um senso de validação do processo. "Valeu a pena", ela reflete.

**A maternidade como construção consciente**

Ao final, o que emerge da história de Márcia Peixoto é uma visão de maternidade que se distancia tanto da idealização quanto da banalização.

Não há romantização excessiva, mas também não há negação do valor profundo dessa experiência. Existe, sobretudo, consciência. Consciência de que ser mãe exige escolhas difíceis. Consciência de que nem sempre é possível acertar.

Consciência de que o processo é contínuo e que os resultados não são imediatos. E, principalmente, consciência de que a maternidade não é apenas um papel, é uma construção diária orientada por propósito.

Em um cenário onde discursos rápidos e fórmulas prontas ganham espaço, histórias como a dela oferecem um contraponto necessário. Não para estabelecer um modelo único, mas para lembrar que, por trás de qualquer narrativa, existe renúncia. Existe intenção.

E, acima de tudo, existe missão. Uma missão que não busca perfeição; busca formar pessoas capazes de caminhar sozinhas, com valores sólidos e consciência do próprio papel no mundo.

**"Apesar de tudo, é por eles. Tudo que eu faço, tudo que a gente vive, tudo que eu falo. Apesar das coisas ruins, é sempre pensando no bem deles e estou muito orgulhosa dos seres humanos que eles estão se formando", completa.**



# A maternidade na ressignificação do sentido e no novo olhar sobre o morar e o criar

Fotos: Divulgação

No encontro entre carreira consolidada e uma espera de 16 anos, Sihame Cruz redefine propósito, estética e presença em uma das fases mais transformadoras da vida

**A** maternidade, quando analisada fora do campo romantizado, costuma operar como um divisor de águas silencioso. Não se trata apenas do nascimento de um filho, mas da reorganização de estruturas internas que, muitas vezes, estavam sustentadas por lógicas de produtividade, desempenho e validação externa.

No caso da arquiteta e designer Sihame Cruz, esse processo não aconteceu de forma imediata ou previsível. Ele foi construído ao longo de um tempo que ela mesma define como uma gestação estendida, carregada de expectativa, fé e ressignificação.

**“Na verdade, eu falo que gestei meu filho por 16 anos, um longo tempo, uma longa espera que valeu cada segundo, porque tenho certeza que Deus estava preparando essa pessoinha tão incrível, generosa, genuína para a minha vida.”**

A fala não apenas contextualiza o tempo de espera, mas estabelece o ponto de partida de uma transformação que ultrapassa a esfera pessoal. Ao longo desse período, construiu-se não apenas o desejo da maternidade, mas também uma identidade profissional consolidada em um mercado exigente, marcado por padrões estéticos rígidos e uma constante pressão por inovação e diferenciação.

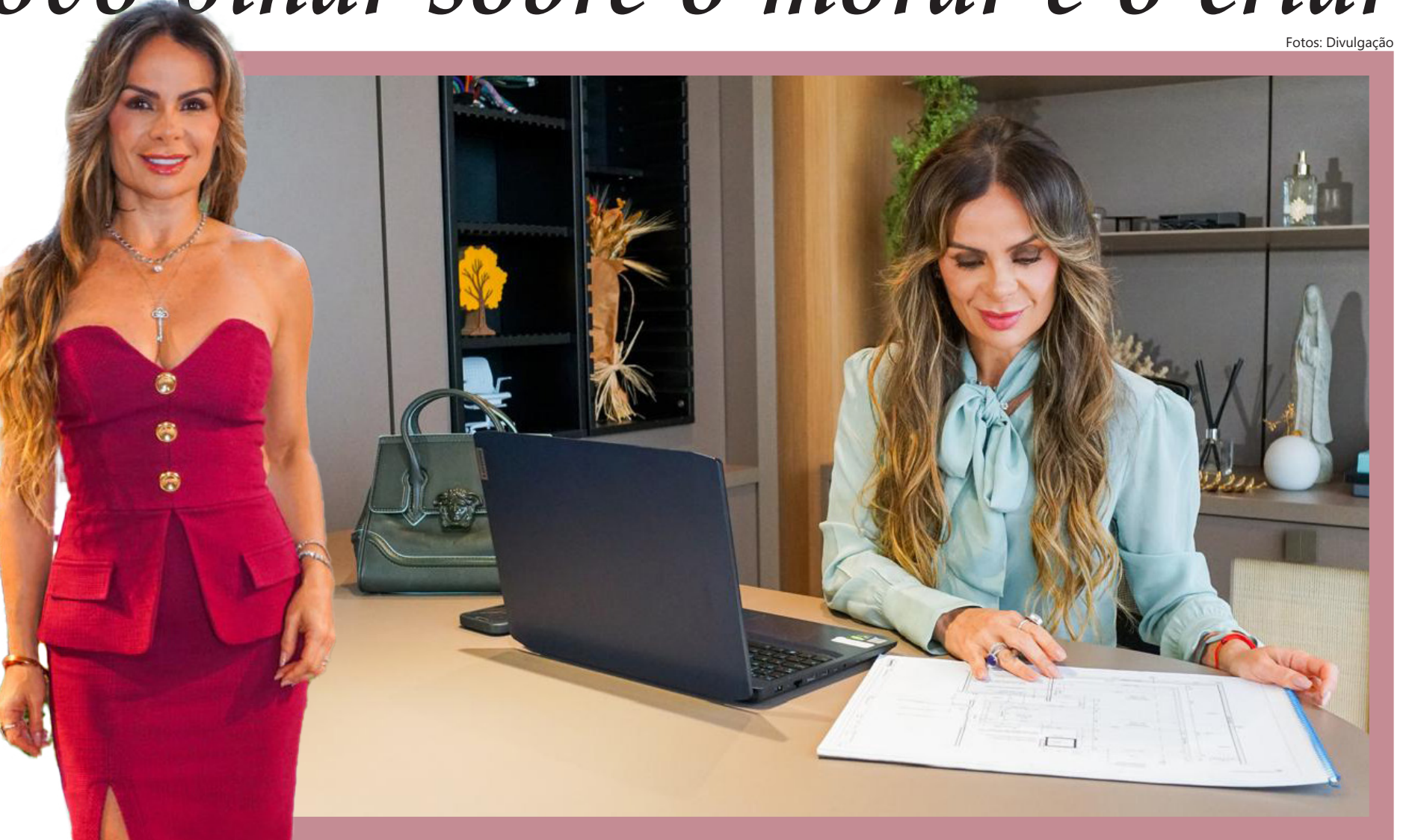
## O mundo visto por novos olhos

Quando o filho, Vitinho, finalmente chega, o impacto não se restringe à rotina doméstica. Ele atravessa diretamente a forma como Sihame passa a interpretar o mundo, influenciando desde decisões cotidianas até a maneira como ela conduz sua atuação profissional.

**“Tudo que eu vou apresentar para ele é como se eu estivesse redescobrimo. Lembro muito da primeira vez que ele viu o pôr do sol, ainda muito pequeno, e o olhar dele, emocionado, me marcou profundamente. Isso muda completamente o seu olhar para o todo.”**

Esse tipo de percepção, embora subjetiva, tem implicações práticas. A partir do momento em que a maternidade introduz uma nova lente de leitura da realidade, há uma reavaliação natural sobre prioridades, tempo e sentido.

E é justamente nesse ponto que a trajetória de Sihame se distancia de narrativas tradicionais que associam a maternidade a uma pausa ou desaceleração de carreira. No caso dela, o que ocorre é uma mudança de direção.



em seus projetos.

**“Hoje eu quero uma arquitetura mais gostosa, uma arquitetura que abraça, que traz conforto, acolhimento de útero. Eu penso muito mais no que é vivido dentro da casa do que apenas no que é visto.”**

A expressão sintetiza uma mudança de paradigma. Em vez de priorizar exclusivamente estética e tendências, a arquiteta passa a valorizar a experiência sensorial e emocional dos espaços. O ambiente deixa de ser apenas um produto visual e passa a ser entendido como extensão da dinâmica familiar.

**“Não é mais sobre ter móveis caros ou seguir tendências. É sobre ter um tapete onde você possa sentar com seu filho, um sofá onde você possa se jogar, um espaço que realmente funciona para a vida real.”**

história, uma dinâmica, uma identidade. Não faz sentido repetir soluções como se fossem universais.”

Essa postura evidencia um posicionamento mais autoral e menos condicionado às demandas de mercado.

**“O Vitinho me trouxe essa autonomia de ser quem eu sou, de pensar o que eu penso e de entender que está tudo bem não seguir o que todo mundo está fazendo.”**

## Entre o afeto e a responsabilidade diária

Se, por um lado, a maternidade fortalece o posicionamento profissional, por outro, ela também introduz desafios práticos que fazem parte da rotina de qualquer mulher que ocupa múltiplos papéis.

**“Às vezes, me corta o coração sair de casa e vê-lo**

**chorando. Agora que ele começou a falar e me chama de mãe, isso mexe muito comigo, porque foi algo que eu esperei a vida inteira.”**

Isso expõe um aspecto frequentemente suavizado em narrativas públicas: o conflito emocional entre presença e responsabilidade profissional.

**“Eu tenho meus compromissos, meus clientes, e cumpro tudo com muito profissionalismo. Mas o meu foco principal, desde o dia em que ele nasceu, é ele. Isso não muda.”**

Há, nesse ponto, uma ponte entre vida pessoal e profissional, onde ambos os universos coexistem e se influenciam mutuamente, sem a necessidade de hierarquias rígidas.

## Reconstrução, sentido e completude

Ao refletir sobre sua própria trajetória, Sihame Cruz demonstra clareza ao reconhecer o impacto acumulado de experiências anteriores à maternidade.

**“As perdas e as tentativas me fizeram, em alguns momentos, me sentir fracassada. Mas, ao mesmo tempo, eu sempre senti que existia uma promessa para mim. E hoje eu entendo isso com muita clareza.”**

Essa percepção contribui para a construção de uma identidade mais sólida, me-

nos dependente de validações externas.

**“Hoje eu sou uma pessoa mais segura, mais consciente, mas também alguém que aprendeu a lidar com o medo da perda. Isso faz parte de quem eu me tornei.”**

A maternidade, nesta perspectiva, não apenas acrescenta uma nova camada à identidade de Sihame, mas reorganiza sua base.

**“Eu sempre busquei essa sensação de estar completa. Viajava, comprava coisas, fazia várias atividades, mas parecia que nunca era suficiente. Hoje eu posso dizer que encontrei esse lugar. Ele é o meu 100%.”**

No contexto amazônico, onde mulheres ocupam cada vez mais espaços de liderança, histórias como a de Sihame Cruz ajudam a construir novas referências sobre o papel feminino na sociedade. Ao integrar maternidade, carreira e identidade de forma orgânica, sua trajetória aponta para um processo contínuo de ajuste e coerência entre o que se vive e o que se constrói.

Neste Dia das Mães, mais do que celebrar conquistas, sua história propõe uma reflexão sobre escolhas, tempo e presença, e sobre como a maternidade, quando vivida em profundidade, não limita trajetórias, mas redefine caminhos.



entrega. Ao priorizar projetos que fazem sentido, Sihame não reduz sua atuação; ela a qualifica.

Essa mudança dialoga com um movimento mais amplo entre mulheres que conciliam maternidade e carreira, substituindo a lógica de “dar conta de tudo” por uma gestão mais estratégica de energia e propósito.

## Arquitetura que acolhe, não apenas impressiona

No campo da arquitetura, essa transformação se traduz de forma clara na abordagem adotada por Sihame

Essa abordagem dialoga com um conceito contemporâneo de arquitetura centrada no usuário, mas ganha uma camada adicional ao ser atravessada pela experiência da maternidade.

O olhar técnico se soma ao afetivo, resultando em projetos que refletem não apenas estética, mas funcionalidade emocional. Outro ponto relevante nessa transformação é a rejeição a padrões replicáveis.

“Eu tenho uma ojeriza a projetos feitos em série, porque cada família tem uma



# Como a maternidade amplia os caminhos da liderança e ajuda a sustentar legados

Entre ciência, gestão e afeto, a trajetória de Valeska Francesconi, que transformou a experiência de ser mãe em base para liderar, formar e deixar legado

**H**á histórias que não começam no nascimento de uma carreira; começam no momento em que a vida exige um novo tipo de consciência. E, para muitas mulheres, esse ponto não está em uma conquista profissional, em um título acadêmico ou em um cargo de liderança. Está no instante em que se tornam mães.

Não é uma mudança superficial. Não é apenas emocional. É estrutural. A maternidade reorganiza o tempo, reposiciona prioridades e, sobretudo, altera a forma como se enxerga o impacto das próprias decisões.

O que antes era urgência, passa a ser escolha. O que antes era desempenho, passa a ser sentido. E o que antes era individual, passa a ser coletivo.

No Amazonas, onde trajetórias de excelência convivem com desafios históricos, essa transformação ganha ainda mais relevância. Porque não se trata apenas de crescer profissionalmente; trata-se de sustentar esse crescimento em um ambiente que, muitas vezes, ainda exige mais das mulheres do que está disposto a oferecer em estrutura.

## Priorizar processos humanos na gestão técnica

É nesse cenário que a trajetória de Valeska Francesconi se destaca. Médica, professora, gestora e referência na dermatologia, ela construiu uma carreira sólida na medicina e na formação de profissionais. Mas é na forma como a maternidade atravessa essa trajetória que se revela algo maior do que sucesso: coerência.

**“A maternidade mudou minha forma de liderar desde o momento em que entendi que liderar não é apenas entregar resultados, mas também cuidar de pessoas, formar equipes e construir legados. Ser mãe ampliou meu senso de res-**



Fotos: Divulgação

**ponsabilidade e também minha sensibilidade. Passei a olhar mais para processos humanos, para o impacto das decisões no longo prazo e para a importância de criar ambientes mais saudáveis e colaborativos.”**

A fala não carrega apenas emoção, carrega direção. Durante muito tempo, a liderança foi construída sobre bases rígidas. Controle, produtividade, eficiência. Em ambientes como a medicina, essa lógica se intensifica.

O erro é mínimo, a cobrança é alta e a expectativa de desempenho é constante. Mas esse modelo, embora funcional, sempre deixou lacunas; especialmente quando se trata de pessoas.

É exatamente nesse ponto que a maternidade atua. Ela amplia a leitura, refina a percepção.

Ela introduz uma camada de humanidade que não enfraquece a liderança, mas

a sustenta.

Não se trata de suavizar decisões, mas de compreender melhor seus efeitos. Não se trata de reduzir exigência, mas de alinhar propósito.

E isso, em um cenário cada vez mais complexo, deixa de ser diferencial e passa a ser necessidade.

## Sustentar valores através da autenticidade

Existe, no entanto, uma barreira silenciosa que ainda atravessa a trajetória de muitas mulheres em posição de liderança: a expectativa de perfeição.

A ideia de que a autoridade precisa ser impenetrável. De que fragilidade compromete credibilidade. De que, para ocupar espaços de poder, é preciso eliminar qualquer traço de vulnerabilidade.

**“A maternidade me ensinou que vulnerabilidade não diminui autoridade, ela humaniza. Hoje me sinto uma profissional mais segura, justamente porque não preciso sustentar uma imagem de perfeição.”**

A frase, simples na forma, é profunda no impacto. Porque desloca o conceito de força. Durante décadas, esse conceito foi associado à ausência de falhas. Hoje, ela começa a ser compreendida como capacidade de adaptação, de reconhecimento de limites e de construção coletiva.

Isso não é teoria. É prática. Na rotina de uma médica que também é professora, gestora e mãe, não existe espaço para modelos irreais. Existe organização, priorização e, principalmente, consciência.

## Transformar a rotina em estratégia de presença

Essa consciência se estende também à construção de uma marca que carrega o próprio nome.

Quando identidade pessoal e profissional se encontram, o nível de exigência

muda. Não se trata apenas de entregar um serviço de qualidade; trata-se de sustentar valores.

**“Quando uma marca carrega o nome da família, ela precisa representar muito mais do que excelência técnica. Precisa transmitir confiança, ética, cuidado e verdade. A maternidade reforçou em mim esses valores. Quero que a Francesconi Dermatologia continue sendo reconhecida não apenas pelos resultados técnicos que entrega, mas pela forma como acolhe, cuida e transforma vidas.”**

Há, nessa construção, um elemento que não pode ser ignorado: coerência. O mercado mudou.

O público mudou. E, cada vez mais, o que se espera não é apenas competência, mas consistência.

E mães que lideram negócios entendem isso de forma quase intuitiva. Porque vivem, diariamente, a responsabilidade de formar, cuidar e orientar.

Mas se há avanços evidentes na forma como mulheres têm ocupado espaços de liderança, ainda existem estruturas que não acompanham esse movimento.

**“Em muitos contextos, a maternidade ainda é vista como limitação, e isso revela um problema estrutural da sociedade, não da mulher. Mas também vejo que muitas mulheres se tornam líderes ainda mais fortes depois da maternidade. Desenvolvem capacidade de decisão, resiliência, inteligência emocional e senso de prioridade em um nível muito alto.”**

## Expandir horizontes para as próximas gerações

A contradição é clara: de um lado, um sistema que ainda carrega resquícios de um modelo ultrapassado. Do outro, uma realidade

que já evoluiu.

E é nesse intervalo que se constrói o desafio contemporâneo, ao alinhar estrutura e prática.

Porque não se trata mais de provar capacidade. Trata-se de reconhecer aquilo que já está posto.

E poucas experiências desenvolvem tantas habilidades quanto a maternidade. Gerir tempo, lidar com imprevistos, tomar decisões sob pressão, priorizar, cuidar, formar. Tudo isso faz parte do cotidiano de uma mãe. E tudo isso, quando levado para o ambiente profissional, transforma a forma de liderar.

Talvez por isso uma das maiores mudanças não esteja na quantidade de tarefas, mas na forma como elas são organizadas.



**“Equilíbrio perfeito de tempo é uma ilusão. O que existe, na prática, é gestão consciente de prioridades. Passei a valorizar mais a qualidade de presença do que a quantidade de horas. Quando estou com meu filho, procuro estar inteira. Quando estou no trabalho, também. Essa mudança trouxe mais clareza, menos culpa e decisões mais estratégicas.”**



Essa leitura rompe com uma das maiores armadilhas impostas às mulheres: a ideia de que é possível (e necessário) dar conta de tudo ao mesmo tempo.

Não é. E reconhecer isso não é fraqueza; é inteligência. A partir desse entendimento, a culpa diminui, a clareza aumenta e as decisões passam a ser tomadas com mais intenção.

E, no meio de tudo isso, existe um aspecto que raramente aparece nos discursos, mas que talvez seja o mais importante: o exemplo.

O filho de Valeska cresce observando. Não apenas ouvindo, mas vendo. Vendo o que significa trabalhar, decidir, liderar e, ao mesmo tempo, estar presente.

**“Espero estar mostrando a ele que trabalho é uma forma de servir, construir e honrar talentos. Que disciplina não é rigidez, é constância. E que sucesso não deve ser medido apenas por resultados materiais, mas pelo impacto positivo que geramos na vida das pessoas.”**

Essa construção é silenciosa, mas poderosa. Porque forma visão de mundo.

Forma entendimento sobre o que realmente importa. E talvez esse seja o maior legado da maternidade: não aquilo que se ensina, mas aquilo que se vive. Ainda assim, há um caminho a ser percorrido.

**“Precisamos avançar em corresponsabilidade, redes de apoio e mudança cultural. A maternidade ainda recai de forma desproporcional sobre a mulher. Nenhuma mulher deveria ter que escolher entre crescer profissionalmente e viver plenamente a maternidade.”**

Consolidar o legado por meio da coerência e do exemplo. A fala é direta porque o problema é real. E a solução não está apenas na força individual, mas na construção coletiva.

Famílias, empresas e instituições precisam evoluir. Precisam entender que apoiar a maternidade não é um favor; é um investimento em uma sociedade mais equilibrada e produtiva.

Ao olhar para sua própria trajetória, Valeska reconhece que a transformação não foi apenas profissional. Foi pessoal.

**“A Valeska de hoje é mais madura, mais consciente e mais conectada ao que realmente importa. A ambição permaneceu, mas ganhou propósito. A disciplina se fortaleceu. E precisei deixar para trás a necessidade de controle absoluto, a cobrança excessiva e a ideia de que valor pessoal depende apenas de performance.”**

Há, nessa conclusão, uma síntese do nosso tempo. A substituição da perfeição pela coerência.

Do controle pela consciência e da cobrança pelo propósito.

E, talvez, a principal mudança: a compreensão de que sucesso não é apenas chegar; é sustentar.

No Dia das Mães, histórias como a de Valeska Francesconi deixam de ser apenas perfis profissionais e passam a ser retratos de uma transformação maior.

Uma transformação que não faz barulho, mas muda estruturas. Que não rompe de forma abrupta, mas reorganiza. Que não exige escolha, mas propõe integração.

Porque, no fim, a maternidade não reduz caminhos. Ela amplia. E, para mulheres que lideram, constroem e transformam, ela se torna exatamente aquilo que sustenta tudo o que vem depois: base, direção e propósito.





  
**CASA 40**  
 Um legado de estilo

**Rua Acre, Nº 40**  
**Vieralves**  
**Manaus – AM**

Segunda a Sexta  
 09h às 18h  
 Sábado  
 09h às 17h

